



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

BRENDA DE ÂNGELIS SOMBRA CAVALCANTE

**“CAIXA TRANCADA”: O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NO MAL-
ESTAR MENTAL EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Fortaleza
2017

BRENDA DE ÂNGELIS SOMBRA CAVALCANTE

**“CAIXA TRANCADA”: O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NO MAL-
ESTAR MENTAL EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas Licenciatura Plena da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

Fortaleza

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C364c Cavalcante, Brenda de Ângelis Sombra.

Caixa trancada: o papel da escola e do professor no mal-estar mental em alunos do ensino médio / Brenda de Ângelis Sombra Cavalcante. – 2017.

33 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Saúde mental. 2. Bem-estar mental. 3. Pesquisa qualitativa. I. Título.

CDD 570

BRENDA DE ÂNGELIS SOMBRA CAVALCANTE

“CAIXA TRANCADA”: O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NO MAL-ESTAR
MENTAL EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Ciências Biológicas Licenciatura
Plena da Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciada.

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Isabel Cristina Higino Santana
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Ma. Maria Elba Soares
Faculdade 7 de Setembro e Colégio Santa Cecília

AGRADECIMENTOS

Antes que qualquer coisa, eu quero agradecer à minha mãe, Karla, que durante toda minha vida se mostrou uma mulher de extrema força de vontade, ação e perseverança, a própria epítome de resiliência. Mesmo com todas as dificuldades que nossa família passou, ela sempre se reergueu e criou a mim e ao meu irmão.

Ao meu irmão, Kauê, por ser meu melhor amigo, ter conversas aleatórias sobre a vida, o universo e tudo mais e, principalmente, por sempre tentar fazer com que eu tenha uma imagem melhor de mim mesma.

À minha avó Raimunda e minha tia Tereza que sempre me tratam com muito amor e carinho, só de receber esses sentimentos delas já me sinto melhor.

À Ana Kamila, que acabou virando uma grande amiga apesar das nossas diferenças, por ter sido minha companheira de luta durante esses quatro anos de graduação, a sua parceria melhorou minha caminhada acadêmica.

À Ana Karolina, por ser tão estranha como eu, por me fazer rir e me ajudar a espalhar conversando sobre mangás de terror e memes.

Ao Paulo Ricardo, por me abraçar forte sempre que eu me senti pra baixo e por lavar os pratos da minha casa depois da macarronada.

Às minhas amigas Anna Flávia, Stefany e Tayná por serem ótimas ouvintes e conselheiras, por estarem na minha vida há tantos anos e por me proporcionarem muitos momentos de pura felicidade.

À Mata Branca Jr., que deu o maior trabalho para ser erguida, mas que ao mesmo tempo me proporcionou uma experiência única dentro da graduação, tanto no que diz respeito à capacitação profissional quanto às amizades que eu cultivei durante esses dois anos.

E por último, porém não menos importante, ao meu professor Roberto. Obrigada por me orientar durante a execução deste trabalho, por me acalmar quando as lágrimas já estavam quase saindo pelos meus olhos e por ter sido um grande professor dentro da minha graduação.

“O universo do estudante de Ensino Médio é extremamente fechado e distante do mundo universitário, do mercado de trabalho e das oportunidades e possibilidades que a vida em geral oferece, como uma caixa trancada pela fechadura. Seria muito importante ocorrer uma maior integração disso tudo, que infelizmente grande parte das pessoas não têm acesso. O Ensino Médio, para mim, foi essa caixa trancada, com um mínimo de luz penetrando pela fechadura.” (Estudante anônimo participante do questionário desta pesquisa)

RESUMO

Com a crescente quantidade de pessoas desenvolvendo problemas relacionados à saúde mental, a escola, como parte integrante da sociedade, não está externa a esse problema. Esse trabalho tem como objetivo identificar quais são as situações dentro do contexto escolar que geram mal-estar mental e qual a postura da instituição de ensino e professor perante tal aflição dos alunos. A pesquisa foi realizada com alunos recém-ingressos nos cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará e consistiu em uma análise qualitativa através da aplicação de um questionário de questões discursivas baseadas parcialmente no Inventário de Beck de Depressão (BDI). Os resultados mostram que o ambiente escolar para os alunos de ensino médio é de fato um ambiente que proporciona e desencadeia sentimentos como insegurança e medo do futuro nos adolescentes. Por fim, mais pesquisas de caráter qualitativo devem ser realizadas sobre essa temática, tendo em vista a importância do assunto para o desenvolvimento de uma sociedade mais saudável em todos os aspectos.

Palavras-chave: Saúde mental, bem-estar mental, pesquisa qualitativa

ABSTRACT

With the growing number of people developing mental health problems, the school as an integral part of society, is not outside to this problem. This work aims to identify which situations are within the school context that causes mental discomfort and what are the attitudes of the teaching institution and teacher to such an affliction of the students. The research was carried out with students recently enrolled in the courses of Biological Sciences of the Federal University of Ceará and consisted of a qualitative analysis through the application of a questionnaire of discursive questions based partially on the Beck Depression Inventory (BDI). The results show that the school environment for high school students is in fact an environment that provides and triggers feelings such as insecurity and fear of the future in adolescents. Finally, more research of a qualitative nature should be carried out on this theme, considering the importance of the subject for the development of a healthier society in all aspects.

Key words: Mental health, mental well-being, qualitative research

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 METODOLOGIA UTILIZADA	9
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	11
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	23
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	24

1 INTRODUÇÃO

A depressão já é tida por muitos como a doença do século XXI e ela já não está restrita aos adultos. A depressão em crianças e adolescentes atualmente é um assunto delicado que vem ganhando certo espaço na sociedade, ainda que exista um tabu circundando esse tema, é de fácil visualização que o conceito de saúde é mal interpretado pela população em geral. Saúde não é apenas o que diz respeito à ausência de doença, mas sim um conjunto de fatores sociais, físicos e mentais que dão ao indivíduo uma boa qualidade de vida (CONSTITUIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1946).

A adolescência é uma época de desenvolvimento dos seres humanos onde há mudanças tanto físicas como na psique do indivíduo, a variação de humor que é característica desse momento da vida pode ser confundida com os sintomas de alguns transtornos mentais (WINDLE, 1992). Segundo o manual Prevenção do Suicídio: Um Recurso Para Conselheiros (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2006), professores e outros profissionais da escola, se bem treinados para o reconhecimento e tratamento, são capazes de identificar comportamentos depressivos dentro do contexto escolar; o manual diz ainda que o acompanhamento dos pais nesse processo é de extrema importância.

Segundo Bahls (2002), o adolescente e o adulto apresentam sintomatologia depressiva semelhante; porém, o adolescente deprimido comumente não aparenta estar sentindo tristeza, ao invés disto a irritabilidade, a instabilidade emocional e os ataques de raiva são características mais evidentes. No estudo desenvolvido por Barros et al. (2006), alunos da rede pública de ensino têm como fonte causadora de mal-estar mental a situação social e econômica dos mesmos, ao passo que na rede privada o gatilho para esse mal-estar se relaciona mais à dimensão afetiva.

Tanto o Estágio Supervisionado no Ensino Médio como minha própria vivência me guiaram para a realização deste trabalho. O estágio possibilitou a troca de perspectiva, de aluno para professor estagiário, e adicionou uma nova dimensão ao trabalho como docente. Por estarem em um período duplamente estressante da

vida, os alunos de terceiro ano do ensino médio são um público facilmente suscetível a aparição ou até mesmo ressurgimento de comportamentos depressivos. Já a minha convivência com a depressão desde a adolescência me levou a querer entender melhor o que está por trás dessa problemática. Ser adolescente é muito perturbador, principalmente quando se tem uma doença sobre a qual ninguém conversa, e a pressão do vestibular acaba ocultando-a. Todos, inclusive a própria pessoa em questão, pensam que é algo momentâneo, circunstancial. Contudo, por não identificar prematuramente os sintomas da depressão, ela acaba por perdurar até a vida adulta e gera consequências dolorosas no que tange tanto aos relacionamentos intra e interpessoais como à saúde do próprio corpo.

A temática de mal-estar psicológico na adolescência, especificamente no período que antecede a aplicação das provas para o ingresso na universidade, tem sido tratado por diferentes profissionais em diversas áreas das ciências como psicologia e medicina. No entanto, a problemática não tem sido abordada por profissionais da educação, ainda que muitos dos estudos tenham sido realizados dentro do ambiente escolar, como é o caso dos artigos que buscam compreender as nuances da ideação suicida em alunos do ensino médio, como por exemplo os trabalhos realizados por Araújo *et al.* (2010) e Borges *et al.* (2006), ambos produzidos por psicólogas. Ou ainda o trabalho feito por Hutz e Bardagir (2006) sobre transtornos mentais e indecisão profissional, sendo este também um artigo produzido por profissionais da área da psicologia.

É fácil perceber que na maioria dos trabalhos é realizada uma análise quantitativa ao invés de qualitativa acerca do problema, o que pode de certa forma ocultar alguns aspectos da questão inicialmente posta. A análise qualitativa tem como um de seus princípios fundamentais saber o significado que o indivíduo dá às coisas ao seu redor e à vida em si (NEVES, 1996) e tal característica é de suma importância para a compreensão na íntegra sobre gatilhos mentais que podem ser disparados em alunos do ensino médio.

Juntamente com a depressão, outros distúrbios foram abordados em vários trabalhos do ramo da saúde. Rocha (2010) analisou a depressão e distúrbios alimentares e do sono em alunos pré-vestibulandos de forma quantitativa pela ótica

da medicina. Para a análise da sintomatologia depressiva foi utilizado o Inventário Beck de Depressão, composto de 21 questões que foram adaptadas para a população brasileira; cada questão com quatro itens que possuem pontuação crescente de 0 a 3. As notas de corte foram estabelecidas e os níveis de depressão foram classificados como mínimo, leve, moderado e grave. Dados como idade, peso e pontuação obtida no Inventário de Beck foram postos em tabelas e analisados estatisticamente pelo teste do qui-quadrado de Pearson para a observação de uma possível correlação entre os distúrbios de sono, peso e depressão.

Ainda dentro da área de saúde, Barreto *et al.* (2016) investigaram em uma escola pública a correlação entre persistência da dismenorreia, conhecida popularmente como cólica menstrual, com a depressão e a ansiedade. O Inventário de Depressão Infantil (CDI) e a Escala Beck de Ansiedade, ambos devidamente traduzidos para o português, foram aplicados, neste trabalho (?) bem como outro questionário que englobava características socioeconômicas e sobre o ciclo menstrual das adolescentes. O CDI é um questionário realizado por Kovacs (1983) que, apesar de ser voltado para crianças, é amplamente aplicado para adolescentes também. e consiste em 27 questões, cada uma com três itens com pontuação de 0 a 3. A nota de corte para assumir que o indivíduo apresenta sintomas da depressão é de 17 pontos. Posteriormente, a aplicação do método do qui-quadrado de Pearson com nível de significância de $p < 0,05$ comprovou que apesar de haver correlação entre a intensidade da dismenorreia e ansiedade, não há correlação dela com a depressão.

Terra *et al.* (2013) executaram uma pesquisa com caráter igualmente quantitativo analisando ansiedade e depressão em vestibulandos, buscando verificar o uso de medicamentos antidepressivos bem como características socioeconômicas, sexo e idade e a correlação entre esses fatores. Os dados foram coletados em questionários, o primeiro com questões socioeconômicas e de caracterização dos participantes da pesquisa, o segundo foi a Escada Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HAD). A HAD é um questionário hospitalar, mas que é amplamente utilizado fora do meio, pode detectar de graus leves até os mais avançados de depressão e ansiedade, ele consiste em 14 perguntas, sendo 7 voltadas para a ansiedade e 7 para a depressão, cada pergunta possui três itens com pontuações

que variam de 0 a 3. Os dados coletados foram analisados usando o qui-quadrado de Pearson com nível de significância $p < 0,05$.

Fica claro que depressão, ansiedade e outros fatores de estresse são dificuldades que geram sofrimento extremo na vida de adolescentes em fase de pré-vestibular e estes possuem diversas fontes que podem contribuir para o desencadeamento de um indivíduo adulto com uma psique não saudável.

O enfoque estritamente voltado para a área da saúde dificulta que os problemas de saúde mental sejam analisados de forma crítica e a escola, como ambiente onde os adolescentes passam grande parte da vida, deve ser vista como um possível catalisador para o surgimento de comportamentos que possam vir a ser danosos para o bem-estar da mente dos alunos e alunas.

O professor, incluindo o de Biologia, deve procurar entender sobre saúde mental e como ela influencia na qualidade de vida dos alunos. É elementar identificar as causas desse mal-estar, em especial dos alunos que se encontram em situações tidas como de risco. De acordo com Baptista *et al.* (2001) essas seriam, por exemplo, histórico familiar de depressão, suicídio de entes próximos, falta de suporte familiar, alterações do curso de vida e dificuldades crônicas no que tange ao psicossocial.

Ao analisar o percurso legal de formação do docente de biologia não é evidenciada qualquer diretriz que auxilie o professor a conseguir identificar hábitos entre os estudantes que possam ser indicativos de problemas ou até mesmo transtornos mentais, embora seja indicada que na disciplina biologia sejam julgadas ações de implementação de saúde individual e coletiva, como citado mais adiante no presente trabalho.

É importante diferenciar problema de transtorno, tendo em vista que um deles tem caráter ameno e o outro não; segundo Bacy Fleitlich-Bilyk *et al.* (2014), podemos classificar problema mental como uma condição onde houve uma tensão mental intensa e o indivíduo não consegue se adaptar à situação (isso ocorre no caso da perda de entes queridos, separação dos pais, etc.) ou em casos onde há um

pequeno retardo no desenvolvimento de ordem cognitiva, social ou psicológica. Já os transtornos mentais podem surgir de diversas maneiras e podem ou não ter caráter genético, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), depressão e ansiedade são classificados como tal pois promovem mais falhas adaptativas do que um problema mental. O transtorno mental também tende a ser mais duradouro, o que afeta a longo prazo o rendimento na escola e a socialização com amigos e família.

Além de ser um fenômeno social, o mal-estar mental é também um fenômeno biológico e como tal deve ser trabalhado dentro da sala de aula pelos docentes de Biologia. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio preveem que as competências e habilidades no que diz respeito a contextualização sociocultural a serem desenvolvidas nas aulas de biologia pelo professor incluem:

- Reconhecer a Biologia como um fazer humano e, portanto, histórico, fruto da conjunção de fatores sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos e tecnológicos.
- Identificar a interferência de aspectos místicos e culturais nos conhecimentos do senso comum relacionados a aspectos biológicos.
- Reconhecer o ser humano como agente e paciente de transformações intencionais por ele produzidas no seu ambiente.
- Julgar ações de intervenção, identificando aquelas que visam à preservação e à implementação da saúde individual, coletiva e do ambiente.
- Identificar as relações entre o conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, considerando a preservação da vida, as condições de vida e as concepções de desenvolvimento sustentável. (BRASIL, 2015, *grifo meu*)

Tratar o ser humano como um agente passivo de acontecimentos sociais e promover a saúde tanto física quanto mental é papel do professor de biologia, por ser conhecedor de aspectos fisiológicos do corpo humano, ao longo de sua formação do docência. Portanto, o desenvolvimento de atividades de prevenção de problemas e transtornos mentais e a promoção da saúde dentro do contexto escolar é essencial para que os adolescentes que sofrem com isso não sejam estigmatizados pela falta de informação de colegas e funcionários da escola, pelo preconceito com transtornos mentais e com a própria discriminação em forma de *bullying* e outros comportamentos negativos.

Por estudar o ser humano e a vida no geral, a disciplina de Biologia deve abordar conteúdos que vão além de temas como o funcionamento da mente humana, além de aspectos fisiológicos que envolvem a ação de hormônios e genéticos, e também discutir em sala as variáveis do ambiente onde o indivíduo está inserido e como isso o afeta psicologicamente, assim como o próprio Ministério da Educação sugere através das suas orientações curriculares para o ensino médio. A cultura e a sociedade influenciam no corpo humano e a ideia do determinismo biológico, de que não podemos fugir do que foi determinado a partir da nossa herança genética, deve ser desconstruída em sala de aula para que não apenas o que tange à mente humana seja revisto, mas também, por exemplo, temas como os “papéis de gênero” sejam discutidos de forma crítica, reconstruídos e ressignificados dentro de sala de aula.

A falta de diálogo em sala de aula sobre problemas que assolam a sociedade em geral compromete a formação do aluno como um cidadão participativo e ainda compromete o entendimento dele próprio como um organismo vivo e suscetível às intempéries da vida em sociedade, da natureza e da fisiologia do corpo, tudo isso provavelmente a partir da postura imparcial que muitos professores da área de ciências mantêm. A ideia do professor de Biologia e da ciência neutra é uma falácia que vem sendo divulgada há muito tempo, por ser feita por seres humanos, é impossível que a ciência e a educação científica sejam desvinculadas da política, da economia e dos acontecimentos sociais. Contudo, as ciências e o docente decerto não estão desvinculados dos conflitos pessoais e sociais e essa visão reducionista acaba por empobrecer o processo de aprendizagem da biologia (CACHAPUZ; GIL-PEREZ; PESSOA DE CARVALHO; PRAIA; VILCHES, 2005).

Para entender os moldes da atual situação do ensino de biologia, é preciso fazer uma breve retrospectiva para quando a educação científica do ensino básico no Brasil sofreu um grande abalo, tal fato ocorreu em virtude o golpe militar em 1964. Foram vinte anos onde a carga horária das disciplinas científicas foram diminuídas e completamente fragmentadas e separadas do contexto social; desde então os estandartes da ciência no ambiente escolar não mudaram muito, sendo a biologia conhecida como matéria puramente decorativa e sem conexão com outras

áreas fora da ciências da natureza (KRASILCHIK, 2007). Mesmo sem perceber, muitos dos professores adotam a atitude retrógrada de ainda trabalhar a biologia dessa forma neutra e muito técnica.

Por ser um momento da vida onde os medos e incertezas vem à tona, a adolescência merece um olhar mais aguçado vindo do docente. Comportamentos comuns como irritação, dificuldade de socialização, baixo desempenho nas avaliações, oscilação de humor e isolamento podem ser indicativos de transtornos mentais. As causas de problemas e transtornos de ordem mental podem ser as mais variadas e o professor, segundo os próprios Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), têm como papel trabalhar em sala de aula as questões que estão relacionadas com o bem-estar mental:

Entre as intenções formativas, garantida essa visão sistêmica, importa que o estudante saiba: relacionar degradação ambiental e agravos à saúde humana, entendendo-a como bem-estar físico, social e psicológico e não como ausência de doença (BRASIL, 2015).

Quando o aluno entende sobre a raiz do seu comportamento e dos seus sentimentos, quando ele sabe que tanto aspectos fisiológicos como os pessoais e sociais tem influência direta sobre a vida do indivíduo, contornar os reveses da vida vira passa a ser algo menos doloroso. O professor e a escola existem não apenas para transmitir conhecimentos, mas também para formar o aluno como cidadão e como ser humano.

Por eu ser não apenas professora, em contato com adolescentes em sala de aula, como também ex-aluna de ensino médio, pude visualizar com mais clareza os efeitos negativos que a escola tem sob seus alunos. É uma instituição que induz estresse e mal-estar psicológico em seus estudantes e que não prepara de fato o indivíduo para a sociedade. E o professor de biologia dentro desse contexto pode ser, na maioria das vezes, um agente neutro que não contribui para o desenvolvimento emocional dos alunos e formação de cidadãos. Dada essa situação insustentável do papel da escola como estímulo de angústia para os estudantes, o presente trabalho tem como objetivo identificar quais são as situações dentro do

ambiente escolar que geram sofrimento e qual a postura da instituição de ensino e do professor perante tal aflição dos alunos e, a partir daí, gerar uma reflexões e possíveis ações que deem maior visibilidade à problemática.

2 METODOLOGIA UTILIZADA

O grupo escolhido para fazer parte da pesquisa foram os alunos dos primeiro e segundo semestres do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará. Tal seleção foi feita pois essas são as duas turmas que tiveram contato mais recente com o ensino médio, tenha ele sido cursado em escola pública ou particular. Não foi feita nenhuma distinção entre alunos do curso de licenciatura e bacharelado já que tanto uns quanto os outros saíram do ensino médio ao mesmo tempo e frequentaram os mesmos espaços escolares.

A coleta de dados foi feita a partir da aplicação de um questionário elaborado parcialmente com base no Inventário de Beck de Depressão (BDI). O questionário (Apêndice I).apresentava seis questões, sendo destas, duas de múltipla escolha e as outras quatro, abertas. Todas elas tiveram como objetivo procurar compreender quais são os fatores dentro do ambiente escolar que podem propiciar gerar sofrimento mental nos alunos do ensino médio recém-ingressos no ensino superior

Apliquei o questionário durante um tempo cedido pelos professores nas aulas da disciplina Instrumentalização para o Estudo de Ciências I (IPEC I), com os alunos do primeiro semestre de ambas as modalidades, e da disciplina Biologia do Desenvolvimento, com os alunos do segundo semestre também de ambas as modalidades. Expliquei para as turmas a natureza da minha pesquisa, que o questionário tratava-se de parte fundamental do meu Trabalho de Conclusão de Curso e que eles seriam completamente anônimos, sendo assim, não havia necessidade de pôr os nomes nos questionários que eu entregasse e, juntamente com ele, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice II) para a participação da pesquisa seria entregue.

A primeira pergunta consistiu no aluno marcar a opção que corresponde a onde ele cursou o Ensino Médio. A partir da segunda questão, todas as subsequentes são abertas e trabalham mais abertamente o tema bem-estar mental e a instituição educacional. Elaborei indagações simples que tinham como objetivo fazer com que os alunos expressassem o máximo de sentimentos possíveis. As linhas para as respostas foram banidas e substituídas por retângulos onde eles podiam exteriorizar melhor seus pensamentos.

A segunda questão toca no estímulo e/ou desestímulo para estudar, a falta de animação para realizar atividades do dia-a-dia podem sugerir que algo não está certo com a pessoa. A terceira questão trata sobre quais os medos e incertezas que assolavam eles quando ainda estavam no Ensino Médio. A quarta pergunta procura buscar na resposta dos alunos se a escola proporcionava algum tipo de auxílio no que tange ao problema dos medos e incertezas dos quais eles se queixavam. Por último, a quinta questão pede para que o aluno resuma o que foi a experiência do ensino médio. A partir dessa pergunta é possível que ele faça uma reflexão geral sobre esse período comumente conturbado.

A análise das respostas foi feita da seguinte maneira: cada pergunta do questionário será discutida de maneira geral e, caso tópicos dignos de uma discussão mais aprofundada apareçam nas respostas, uma atenção maior será dada a eles. A primeira questão não será discutida particularmente, porém, ela é importante para que a resposta dos alunos seja contextualizada de acordo com o que foi marcado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do que foi respondido na segunda questão, foi possível agrupar as respostas dadas em: estímulos decorrentes de fatores externos e estímulos inerentes a cada um. A mesma interpretação fiz para o desestímulo (se externos ou próprios de cada indivíduo).

Entre os estímulos de caráter interno, os mais citados foram a afinidade que o aluno tinha com as disciplinas ministradas na escola, a ansiedade e a vontade que eles sentiam em serem aprovados nos vestibulares. A falta de afinidade normalmente vinha acompanhada da justificativa de que os conteúdos eram chatos, não haver, aparentemente, uma aplicação prática para ele, aluno, ou então a própria dificuldade em assimilar o conteúdo gerava essa falta de simpatia. Com relação à ansiedade em ser aprovado no vestibular, esse sentimento a longo prazo pode trazer danos ao funcionamento normal do corpo, por exemplo, no trato gástrico com o aparecimento de um quadro de gastrite crônica, além da própria queda no desempenho nas provas de vestibular de acordo com o estudo feito por Coes (1991). Restam dúvidas sobre a justificativa do estímulo causado pela vontade de passar no vestibular. Não ficou claro nas respostas se tal estímulo realmente era intrínseco a pessoa ou se ele foi imposto por terceiros. É comum ver adolescentes dizerem que vão tentar entrar em determinado curso por causa da insistência dos pais ou até mesmo por insistência do colégio; essa prática é bastante comum em instituições particulares. Já fiz cursinho em um dos grandes colégios de Fortaleza, e alguns colegas que queriam cursar medicina disseram a mim que o colégio pagou para que com a nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) eles se inscrevessem no Sistema de Seleção Unificada (SiSU) em outros cursos concorridos, mesmo que não fossem cursar, apenas para representarem mais um algarismo no número de aprovados nas universidades públicas que a escola teria. Esse é um exemplo de como a educação bancária que Freire (1997) descreve, em que os alunos são meros receptáculos de informações que depois serão depositadas em uma prova. Os alunos como objetos e não como sujeitos.

“Conquistar a independência financeira” e *“buscar ascender socialmente”* são motivações que apareceram nas respostas e estão diretamente ligadas ao poderio financeiro. No entanto, procurar mudar a sua classe social está ligado também ao

fato da procura por uma qualidade melhor de vida, a desigualdade entre os estratos sociais mais baixos e os mais altos vai muito além do dinheiro. Segundo o estudo realizado por Soares e Alves (2003), a classe pobre possui um desempenho muito ruim no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e isso gera baixa autoestima nessa classe. Para reiterar essa afirmação, o estudo de Senos (1997) mostra uma forte correlação entre autoestima e desempenho escolar.

“Querer criar uma sociedade mais justa a partir do conhecimento”, “estudar para poder trabalhar com o que realmente ama” e “estudar por pura curiosidade” foram outros estímulos que os alunos citaram. Como educadora, ler esse tipo de resposta é incrível, pois mostra que certos alunos adotam uma postura diferenciada em relação à aprendizagem. Ao passo que a regra é o aluno como objeto e o professor como sujeito nesse processo, ver estudantes que fazem a diferença atuando como sujeitos do próprio processo de aprendizagem é sem dúvida satisfatório; portanto, atuar como agente de mudanças da sociedade é essencial para que o progresso da educação autônoma que Freire (1996) descreveu.

Já entre os estímulos externos, os pais e a simpatia pelos professores e suas didáticas foram os que mais apareceram nas respostas por contraste. De acordo com Hutz e Bardagir (2006), o estilo parental, autoritativo (comportamento caracterizado por altos níveis de autoritarismo e responsabilidade), autoritário, indulgente ou negligente, tem correlação com o grau de indecisão profissional, ansiedade e depressão. Filhos de pais negligentes e autoritários são os que possuem maiores escores de sofrimento mental e baixa saúde mental. Tanto o excesso de rigidez como a omissão dos pais podem provavelmente causar prejuízos ao bem-estar mental do adolescente. Já a simpatia que o aluno tem pelo professor tem um efeito decerto positivo dentro do contexto escolar. Morales (2001) discute plenamente sobre o bom relacionamento aluno-professor e como os adolescentes prezam mais pelo professor que tem total domínio de conteúdo e boa didática, o que corrobora com o que foi respondido nos questionários.

Quanto aos desestímulos, eles também puderam ser classificados como intrínsecos ou externos a eles. O fator interno mais recorrente foi a dificuldade que o aluno sentia com o conteúdo de certas disciplinas. Como já foi dito anteriormente, o

baixo rendimento durante as aulas pode levar a pessoa a não obter resultados bons na hora das avaliações e as notas baixas acabam gerando uma baixa autoestima como já foi dito anteriormente. *“Falta de concentração para estudar”, “sono” e “acabo me sentindo incapaz de assimilar o conteúdo”* foram também respostas que apareceram. A falta de concentração e o sono talvez aconteçam pela pouca atratividade que o estudo muitas vezes tem em relação a outras atividades, o que mostra a necessidade de uma renovação nos moldes da educação. Como exemplo relacionado a disciplina Ciências, Cachapuz et al. (2005) tratam exatamente sobre a renovação necessária dentro do ensino de ciências, já que o número elevado de pessoas com déficit na formação científica se traduz na falta de interesse pelas ciências da natureza; assim, como comentam vários autores, *“Para uma renovação do ensino de ciências precisamos não só de uma renovação epistemológica dos professores, mas que essa venha acompanhada por uma renovação didática-metodológica de suas aulas. Agora não é só uma questão de tomada de consciência e de discussões epistemológicas, é também necessário um novo posicionamento do professor em suas classes para que os alunos sintam uma sólida coerência entre o falar e o fazer (CACHAPUZ; GIL-PÉREZ; CARVALHO; PRAIA; VILCHES; 2005).”*

Já os desestímulos de ordem externa, a falta de afinidade com os professores e suas didáticas, as notas baixas, a sobrecarga de atividades e a cobrança excessiva de terceiros são outras causas. Outro fator muito interessante que surgiu em diversas respostas foi a questão de que existiam atividades mais interessantes do que estudar e que ter de abrir mão dos *hobbies* para o estudo era algo que desanima a pessoa.

“O desestímulo quase sempre é preguiça ou outras coisas mais interessantes para fazer”, “Qualquer coisa me distrai quando estou estudando” e “(...) abrir mão dos meus hobbies e atividades de lazer me desestimulava”. O ócio e os *hobbies* de fato são importantes para a vida do ser humano, e o ensino médio, em especial o seu terceiro ano, é uma época onde o estudante é bombardeado com frases como *“enquanto você dorme, o seu concorrente estuda”*. Durante muito tempo tive que ouvir isso repetidamente pelos professores da escola onde eu estudei. Tal discurso leva a pessoa a se privar de atividades prazerosas e de descanso em prol de estudar para o vestibular. O Enem e as provas dos vestibulares tradicionais podem

ser cruéis, mas o ócio e o lazer são de extrema importância para espairecer a mente; eles servem como fonte de escape. Privar de tais atividades traz um estresse imenso para o estudante. O que muitas escolas da rede particular de ensino leva os alunos a fazer beira o desumano. As competições entre os estudantes são estimuladas de uma maneira não saudável, onde o valor de um aluno é atribuído de acordo com a nota que ele obteve. O objetivo a ser alcançado pela escola não é o mesmo objetivo do aluno. A escola que está inserida no meio da educação mercantilista quer apenas transformar os resultados dos alunos em um número de aprovações no vestibular para atrair mais consumidores, a educação aqui é vista como moeda, assim como Mézáros (1930) discursa em seu livro Educação para Além do Capital. A pressão para ser o melhor, para fazer olimpíadas de matemática, química, física e outras, para dar visibilidade à escola induz os alunos a uma grande quantidade de estresse que repercute de várias maneiras.

Como futura professora, o fato da questão de afinidade com o discente e com o conteúdo estar entre as maiores razões para motivação e desmotivação serve como um lembrete para que mais atenção seja dada aos alunos que demonstram dificuldade na disciplina biologia. E como futura funcionária de uma escola, me policiou para não reproduzir o mesmo discurso de “enquanto você dorme, outros estudam” que eu costumava ouvir. Prezar pelo bem-estar mental dos alunos deve ser posto como uma de minhas prioridades.

“Você, em algum momento do seu ensino médio, se sentiu com medo ou incerto sobre o futuro? Que medos e/ou incertezas você sentiu?” foi a terceira questão aberta. Aqui não houve muita discrepância nas respostas. As maiores queixas foram o medo de não conseguir passar nos vestibulares, de não fazer a escolha certa no Sistema de Seleção Unificada (SiSU), de não conseguir se sustentar financeiramente e de trabalhar com o que gosta. O medo de escolher um curso e não gostar de fato traduz muito bem a insegurança característica da época da vida. Adolescentes são postos a prova ainda muito jovens e são induzidos a escolher o rumo que a sua vida vai tomar ainda em tenra idade. Este inclusive é um reflexo do comportamento capitalista da sociedade, onde todas as relações são muito imediatistas e vorazes.

O fato das respostas serem muito homogêneas nessa questão mostra que mesmo com a subjetividade de cada pessoa, as incertezas e medos que assolam estudantes de ensino médio são praticamente os mesmos. A escola tem o poder de tranquilizar os seus alunos, porém, ela vai na contramão dessa ideia, ao invés de promover um ambiente mais saudável. Ela exige cada vez mais dos alunos e não proporciona qualquer relaxamento. O que foi dito nessas respostas pelos alunos tem uma ligação muito íntima com o conteúdo da próxima questão a ser analisada.

A pergunta quatro consistiu em procurar saber se o aluno obteve algum tipo de auxílio emocional na escola, “Algo ou alguém na sua escola (disciplina, funcionários, colegas) ajudou você a compreender melhor esses seus sentimentos? De que maneira ocorreu esse auxílio?”. Os sentimentos em questão são os citados na pergunta anterior: medo e incerteza. As respostas foram bem variadas, mas professores, amigos, e família acabaram aparecendo discretamente em maior quantidade, provavelmente por que a família, socialmente falando, é atribuída a função de amparo e suporte. Apesar de “*professores*” ser uma resposta, muitos dos alunos falaram que tais momentos com o docente ocorriam fora de sala de aula, o que não é interessante já que a discussão sobre o bem-estar da psique faz parte das competências que devem ser tratadas pelo professor, independentemente de ser dentro ou fora de sala de aula. Talvez a ânsia em manter uma certa neutralidade impeça o professor de tratar de assuntos que atravessem a barreira do tabu, e os problemas e distúrbios mentais ainda são temas tratados de maneira receosa e com completa impessoalidade não apenas dentro da escola, mas na sociedade em geral.

A falta de tato dos funcionários da escola, sejam eles da gestão ou do corpo docente, gera um afastamento e a pessoa pode não se sentir à vontade para compartilhar o que ela sente. Muitos dos questionários ainda disseram que não receberam ajuda de ninguém, seja na escola ou em casa, o que também é muito preocupante, ser abandonado pela instituição onde você estuda ou pela família, como já discuti anteriormente, no que diz respeito ao auxílio emocional é angustiante para o adolescente.

Quando as respostas afirmaram que sim, os alunos receberam auxílio da escola (excluindo o professor aqui), elas eram ouvidas pelos psicólogos do colégio,

fato esse que ocorreu apenas com os ex-estudantes de instituições particulares. Já os alunos provindos de escolas públicas relataram a existência de disciplinas específicas para o direcionamento dos alunos para a vida acadêmica e para o planejamento de vida. Entre os alunos que responderam ter ajuda psicológica na escola, a dita ajuda consistia apenas na elaboração de um calendário de estudo, o que na minha concepção, como ex-aluna de colégio particular e como usuária do serviço psicológico da instituição, não auxilia em muita coisa e pessoalmente só gerou mais ansiedade em mim.

Sobre as disciplinas que os alunos clamaram ter, chamadas NTPPS (Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais), o aluno disse o seguinte sobre: *“Tive uma disciplina, o NTPPS (...), na qual a professora fazia vários acompanhamentos mensais com os alunos. Isso era parte do conteúdo proposto pela disciplina.”*, outro aluno que enunciou que *recebeu auxílio durante as disciplinas de biologia e de Formação para a Academia. “Existia uma disciplina chamada ‘projeto de vida’ onde o professor conversava com os alunos e passava mensagens otimistas e reflexivas.”* foi outro testemunho de outro estudante. Houve também poucos que disseram que a coordenação e funcionários da escola ampararam os estudantes, como disseram estes alunos: *“No colégio tinham momentos de relaxamento dessa ansiedade, palestras motivacionais (...).”*

Em contrapartida, muitos alunos reclamaram que não obtiveram nenhum tipo de assistência do colégio: *“(...) minha escola não procurava entender os alunos.”*, *“(...) a maioria dos funcionários do colégio onde eu estudava estava mais interessado em preparar os alunos para o vestibular e outros concursos.”*, *“Alunos do ensino médio geralmente são tratados ou julgados como pessoas que não tem esses sentimentos (sic). Pelo menos na minha escola.”*

Na última pergunta, foi pedido aos alunos o seguinte: *“Quando você olha para trás e vê sua vida de estudante, quais palavras traduzem o seu ensino médio?”*. Aqui certamente a diversidade de respostas foi muito alta, muitas palavras foram usadas, porém foi possível perceber um padrão onde o que mais aparecia, do lado negativo, era falta de recursos da escola, derrotas, estresse, cansaço, insuficiente, pressão, esforço, angústia, obrigações, depressão, penitência, entre outros. Do lado positivo,

os alunos listaram principalmente coisas como amizade, sucesso, amadurecimento e aprendizagem. Mesmo a lista de coisas negativas sendo maior, tanto palavras ruins como palavras boas foram escritas para essa questão, contudo, algumas respostas se destacaram devido ao teor predominantemente pessimista, sendo elas inclusive muito preocupantes:

“Insuficiente devido ao déficit de atenção que o governo dá às escolas públicas (isso ficou muito mais evidente assim que entrei na faculdade) (...)”

“Ainda bem que já passou.”

“Um lixo (...)”

“Individualismo, solidão, falsidade, poucas pessoas que valem a pena.”

“Desgraça, crise existencial, ilusões amorosas, sarro dos colegas, ansiedade, baixa autoestima, decoração de conteúdos, autoconhecimento, deparo com a realidade, stress, caminho para o ceticismo, (...), pressão nos estudos, vícios, desestímulo para estudar.”

“Cansaço. Depressão. Estresse. Dúvida. Problemas. Angústia. Penitência.”

“O universo do estudante de Ensino Médio é extremamente fechado e distante do mundo universitário, do mercado de trabalho e das oportunidades e possibilidades que a vida em geral oferece, como uma caixa trancada pela fechadura. Seria muito importante ocorrer uma maior integração disso tudo, que infelizmente grande parte das pessoas não têm acesso. O Ensino Médio, para mim, foi essa caixa trancada, com um mínimo de luz penetrando pela fechadura.”

Todos esses relatos foram impactantes para mim, em especial o último. A analogia da caixa fechada coube bem para o ensino médio e muitas vezes cabe ao professor mostrar um pouco mais de luz para seus alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem qualitativa dessa pesquisa foi capaz identificar e compreender quais aspectos sobre os efeitos negativos que a escola provoca em seus estudantes de ensino médio e que o professor de biologia tem papel fundamental na promoção da saúde mental tanto dentro como fora de sala de aula.

Os sentimentos como o medo sobre a incerteza do futuro e a ansiedade estão amplamente presentes na vida do estudante de ensino médio e que a escola age não apenas como catalizadora desses sentimentos, mas também como causa original em alguns casos.

Dada a importância do assunto no âmbito da educação e da saúde, é necessário que mais pesquisas de teor qualitativo, onde o observar, o ouvir, sejam postos em prática como exercício de investigação, sobre essa problemática. Entender os aspectos subjetivos da mente dos estudantes para o fomento de ações de saúde mental no ambiente escolar é imprescindível para que a regra nas escolas seja o envolvimento e não a negligência com o bem-estar mental.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHLS, Saint-Clair. **Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes**. *Jornal de Pediatria*, 2002, v.78, n.5, p.359-366.

BAPTISTA, Makilim Nunes *et al.* **Sintomatologia depressiva, atenção sustentada e desempenho escolar em estudantes do ensino médio**. *Psicol. Esc. Educ.*, Campinas, v.10, n.1, p. 99-108.

BAPTISTA, Makilim Nunes; BAPTISTA, Adriana Said Daher, DIAS, Rosana Righetto. **Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes**. *Psicol. cienc. prof.*. 2001, v.21, n.2, p.52-61.

BARRETO, Samara; FREIRE, Gabriely Feitosa; RODARTI, Ana Carolina. **Prevalência de dismenorreia e sua associação com depressão e ansiedade entre adolescentes de uma escola pública**. *Adolesc. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 98-105, 2016.

BARROS, Airton Pereira do Rêgo; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; ARAUJO, Ludgleydson Fernandes; CASTANHA, Alessandra Ramos. **As representações sociais da depressão em adolescentes no contexto do ensino médio**. Campinas, 2006, v.23, n.1, p.19-28.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2015.

CACHAPUZ, António; GIL-PÉREZ, D.; CARVALHO, A. D.; PRAIA, J.; VILCHES, A.. **A necessária renovação do ensino das ciências**. 2005.

COES, Maria do Carmo Rabelo. **Ansiedade: uma avaliação quantitativa de seus efeitos negativos sobre o desempenho no vestibular**. *Psicol. teor. pesqui*, v. 7, n. 2, p. 137-47, 1991.

FLEITLICH-BILYK, Bacy; CUNHA, Gracielle Rodrigues da; ESTANILAU, Gustavo M.; ROSÁRIO, Maria Conceição do. Saúde e Transtornos mentais. In: ESTANILAU, Gustavo M., BRESSAN, Rodrigo Affonseca. **Saúde Mental e Escola**. Porto Alegre: Artmed, 2014. cap. 2, p.25-36.

FREIRE, PAULO. **Educação" bancária" e educação libertadora**. Introdução à psicologia escolar, v. 3, p. 61-78, 1997.

HUTZ, Claudio Simon; BARDAGIR, Marúcia Patta. **Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais**. PsicoUSF, v. 11, n. 1, p. 65-73, 2006.

KRASILCHIK, Myriam. **Ensino de ciências e a formação do cidadão**. Em Aberto, v. 7, n. 40, 2007.

MARTINS, João Batista. **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar**. Semina: Ciências, Sociedade e Humanidade, v. 17, n. 3, p. 266-273, 1996.

MÉZAROS, István. **A educação para além do capital**. Boitempo editorial, 2015.

MORALES, Pedro. **Relação professor-aluno**. Edições Loyola, 2001.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 2, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)**, 1946. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>>. Acesso em: 20 dez 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, **Prevenção do Suicídio: Um Recurso para Conselheiros**. Genebra, 2006. Disponível em:

<www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf?ua=1>. Acesso em 01 out. 2017.

ROCHA, Celia Regina da Silva *et al.* **Depressão, compulsão alimentar e distúrbios do sono em estudantes do terceiro ano do ensino médio e de cursos pré-vestibulares.** 198f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ROXO BORGES, Vivian; GUEVARA WERLANG, Blanca Susana. **Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos.** Estudos de Psicologia, v. 11, n. 3, 2006.

SENOS, Jorge. **Identidade social, auto-estima e resultados escolares.** Análise Psicológica, v. 15, n. 1, p. 123-137, 1997.

SOARES, José Francisco; ALVES GONZAGA, Maria Teresa. **Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica.** Educação e Pesquisa, v. 29, n. 1, 2003.

TERRA, D. H. P. *et al.* **Ansiedade e Depressão em Vestibulandos.** Odontologia Clínico-Científica (Online), v. 12, p. 273-276, 2013.

WINDLE, Michael. **The difficult temperament in adolescence: Associations with substance use, family support, and problem behaviors.** Research Institute on Alcoholism, Nova Iorque, 1992.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

QUESTIONÁRIO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Licencianda: Brenda Sombra

Cursou a maior parte do ensino médio em:

Escola pública () Escola particular () Parte em escola pública e parte em particular ()

Você sente estímulo para estudar? Escreva sobre estímulo ou desestímulo.

Você, em algum momento durante o seu ensino médio, se sentiu com medo ou incerto sobre o futuro? Que medos e/ou incertezas você sentiu?

Algo ou alguém na sua escola (disciplina, funcionários, colegas) ajudou você a compreender melhor esses seus sentimentos?

Quando você olha para trás e vê sua vida de estudante, quais palavras traduzem o seu ensino médio?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



CENTRO DE CIÊNCIAS DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Estimado(a) Aluno(a), você está sendo convidado pelo professor José Roberto Feitosa Silva (Departamento de Biologia da UFC), orientador da estudante **Brenda de Angelis Sombra Cavalcante**, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFC, a participar como voluntário de uma pesquisa que resultará em um Trabalho de Conclusão de Curso do estudante. Você não deve participar contra a sua vontade.

Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Os benefícios esperados para o voluntário, bem como para a comunidade universitária, é a compreensão mais aprofundada da formação humana (universitária e artística) que envolve seus atores/autores sociais a partir da ótica dos próprios participantes.

Destacamos que você poderá, a qualquer momento, se recusar a continuar participando da pesquisa e, também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Informamos que não há nenhum tipo de pagamento para a participação do voluntário.

Garantimos que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Atestamos o nosso compromisso como pesquisador de utilizar os dados e/ou material coletado somente para esta pesquisa.

OBJETIVO DA PESQUISA: O objetivo dessa pesquisa é identificar pressões e estímulos de estudantes de ensino médio para entrar na universidade

PROCEDIMENTOS DESENVOLVIDOS NA PESQUISA: O procedimento da pesquisa consistirá em responder algumas perguntas relacionadas ao tema. Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada.

